

Trabalho interdisciplinar

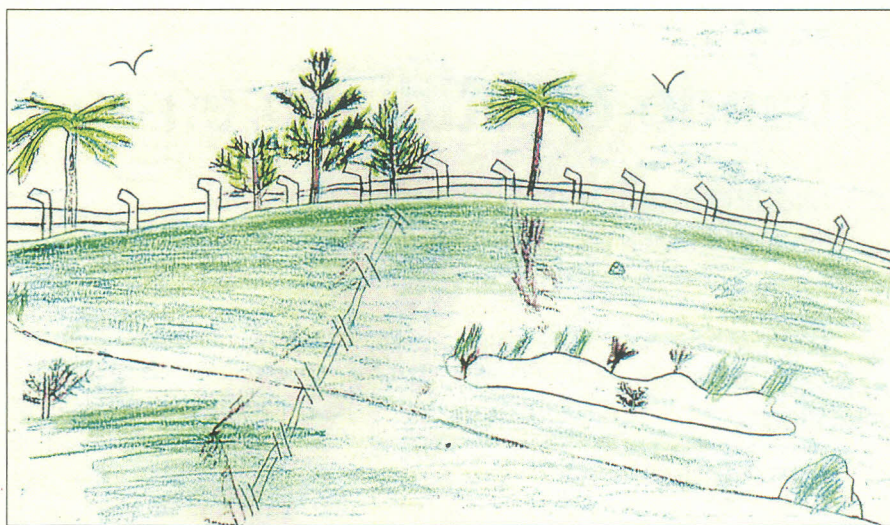
Integração de atividades faz a diferença

traram que o conhecimento científico é uma ferramenta para ajudar a compreensão dos fenômenos da realidade. O foco de um dos projetos foi a violência contra a mulher na região de Campinas. Por meio da análise de 800 ocorrências policiais, orientada pelo professor de matemática, os alunos puderam caracterizar a vítima (idade, perfil socioeconômico), o agressor (perfil e se tinha relação com a vítima) e a própria agressão (as mais frequentes). Discutiram a realidade com conhecimento organizado e tratamento estatístico. Num seminário, em novembro de 2000, mais de 300 crianças das escolas atendidas apresentaram os resultados de pesquisas realizadas, usando com desenvoltura recursos como *Power Point* e *Data Show* no estudo de temas como Energia Elétrica no Cotidiano, Recursos Hídricos, Lixo, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), História Documental de Campinas (memória). Também acompanharam experiências nos laboratórios da Unicamp, quebrando barreiras e sentindo a universidade como algo mais próximo e acessível. “Esse resultado não é milagre. Basta utilizar metodologia pertinente, orientar adequadamente, que a escola deixa de ser mera transmissora de informações para gerar novos conhecimentos”, afirma Afira.

Apesar de algumas dificuldades na infra-estrutura das escolas, a segunda fase do projeto ampliará o uso da Internet como meio de divulgação e ensino continuado. Experiências, metodologias e trabalhos desenvolvidos já podem ser vistos no *site* <http://www.leia.fae.unicamp.br/inter/ciencia/projeto.htm>. “Estimular atividades práticas faz falta às escolas. Quando professores fazem a criança acreditar que está recebendo sabedoria, o caminho trilhado está equivocado”, diz Brito Cruz. “O importante é incentivar o aluno a fazer coisas, a descobrir e construir conhecimentos. E com isso criar massa pensante e transformadora da realidade.”

Formar professores mais conscientes da importância de seu trabalho, envolvidos com o aperfeiçoamento curricular e trabalhos de grupo foi o objetivo da pesquisa coordenada por Maurício Compiani, do Instituto de Geociências da Unicamp. Iniciado em março de 1997 e finalizado em fevereiro de 2001, o projeto foi financiado conjuntamente pela FAPESP, CNPq e Finep. Atingiu no-

A realidade de cada escola serviu de base para a escolha dos temas. Por exemplo: a moradia dos alunos, o tipo de terreno ocupado, o trabalho e a profissão de seus pais permitiram juntar discussões de matemática e geografia. Narrativas sobre o tema da água, dos caminhos percorridos de sua nascente até o abastecimento final da população, puderam ser exploradas sob o ponto de vista da geografia e de português. As atividades desen-



Como no desenho, alunos foram estimulados a pensar seu próprio ambiente

ve escolas públicas estaduais, com alunos de 5ª a 8ª séries, das regiões de Campinas e Jaguariúna e envolveu 13 professores bolsistas das disciplinas de ciências, geografia, história, português e matemática. “Sua dinâmica foi centrada no professor e não numa unidade escolar. Vamos trabalhar a geociência com ciências e geografia, mas o interesse dos professores de outras disciplinas fez com que os incluíssemos no processo, desenvolvendo atividades integradas e mais interdisciplinares”, explica Compiani.

volvidas no projeto podem ser vistas no *site* <http://www.ige.unicamp.br/laboratorios/lrdg/index.html> – também vão compor um CD-ROM que será distribuído às escolas participantes. Na avaliação de Compiani, o trabalho foi bem-sucedido e isso se deve a quatro aspectos: o papel do conteúdo específico no processo de ensino-aprendizagem; a adoção de orientações construtivistas; a escola como um dos ambientes sociais de construção de conhecimentos; e a relação teoria-prática no processo de socialização profissional do professor.